UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS - RIO CLARO

ECOLOGIA

SOPHIA FERNANDES PERUCHI

MANIFESTAÇÃO CULTURAL, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA

Rio Claro - SP
2023

SOPHIA FERNANDES PERUCHI

MANIFESTAÇÃO CULTURAL, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do grau de Ecóloga.

Orientadora: Profª Drª Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

Rio Claro - SP
2023

P471m

Peruchi, Sophia Fernandes
Manifestação cultural, cultura popular e educação ambiental : uma análise da produção acadêmica brasileira / Sophia Fernandes Peruchi. -- Rio Claro, 2023
42 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ecologia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho

1. Educação Ambiental. 2. EArte. 3. Cultura Popular. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

SOPHIA FERNANDES PERUCHI

MANIFESTAÇÃO CULTURAL, CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", para obtenção do grau de Ecóloga

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho
(orientadora)
Prof. Ms. Felipe Pinto Simão
Prof. Dr. Luiz Augusto Normanha Lima

Aprovado em: 02 de fevereiro de 2023

Sophia Fernandes Peruchi
Assinatura do discente

Assinatura do(a) orientador(a)

Ao vô Mané que tanto se alegrava em ver seus netos na faculdade. A meu pai Carlos e minha mãe Claudete, que são meus maiores amores. Também a todos que cultivam a fé, a ancestralidade, o amor e a alegria nas manifestações culturais.

Agradecimentos

Agradeço a todos os seres que dividem comigo esta casa. Agradeço as cachoeiras, aos ventos, campos, mares, florestas, montanhas e lagoas. Por manterem a vida, sendo em mim inspiração, criatividade e fé.

Agradeço a música, que mais me influencia e nos diferentes momentos que passei, ela passou por mim, com melodias e poesias que me encorajam a ir buscar o novo e a fazer mais perguntas, ou aquietar minha mente e coração. Agradeço a todas as religiões que já passei e que, me formaram como sujeito sensível e contrária as crueldades do mundo. Em especial a umbanda, onde sou ensinada que, em todos os momentos da minha vida tenho que ser bom para o todo.

Assim, passo a agradecer as pessoas e grupos que, ao longo da caminhada me inspiram e bem como a natureza, a música e a fé, plantam sementes que germinam nesse meu solo fértil.

Aos meus pais que me deram a vida e todas as condições favoráveis para o meu crescimento. Aos meus avós (Vó Ana e Vô Mané (in memoriam), Vó Ângela e Vô Miro) e aos meus bisavôs (Catarina e José, Guilhermina e José, Tereza e Luiz, Cândida e Santo) que partiram, mas, suas vidas vivem em mim. Muito obrigada por toda a sabedoria da terra e das plantas, da música, da humildade, pela educação passada e por serem os primeiros que me mostraram o canto dos passarinhos, o pulo dos peixes e a luz dos vagalumes.

Amigas e amigos, sou tecida com o algodão do coração de cada um de vocês. Maria Carolina, Júlia, Aikis, Catarina, André, Ana Luiza e minha irmã de fé Isabela. Agradeço pelos lares que construímos, dentro e fora de nós e por tudo que me ensinaram.

Agradeço ao grupo de extensão em agroecologia, Gira-Sol e ao grupo Oro Ari, dedicado ao estudo das manifestações culturais brasileiras. Que despertou muitas inquietações em mim e acolheu toda a minha ignorância, me mostrando uma parte gigante da imensidão da vida.

Em especial agradeço a minha amiga e irmã de fé Carolina, pelas viagens em caminhos desconhecidos, por terra ou pelo vento da imaginação, por me ajudar a passar pelos lugares que tenho medo. Por estar ao meu lado nos momentos de idealizar projetos onde crianças, brincadeiras e natureza são tratadas com respeito e seriedade, gerando a Tatu Fuá. E pela companhia nos momentos de choro na alegria

de passar pela bandeira da folia de reis e marejar os olhos com o som da seriema na viola caipira.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida até aqui e a todos que ainda passarão.

Obrigada.

E se todos na Terra do homem soubessem a sua função?

Se a vida não girasse em torno do material,

Se passar um dia olhando o céu fosse mais importante que gastar a vida trabalhando?

E se o inútil tivesse função de útil?

Todos nós (humanos) iríamos para onde sopra o vento e entenderíamos o que é Amor...

A Terra giraria:

Não existiria guerra nem matança - o coração dela bateria e o sangue em suas veias correria

Não existiria poluição - ela respiraria

Nem tanta gente contando vantagem - ela ouviria

Todos seríamos UM - ela andaria.

Se todos na Terra do homem soubessem a sua função,

a Terra,

do homem não seria

e ela, então, a nós acolheria.

Sophia

RESUMO

A identidade nacional brasileira corresponde a uma amálgama de influências herdadas dos diferentes povos que já habitaram o território do país, de forma com que a cultura se desenvolve e se expressa por meio de diferentes manifestações, construídas ao longo de décadas e séculos por povos com diferentes origens, vivências e contextos, integrantes do que é o Brasil enquanto nação e identidade. Nesse contexto, as manifestações culturais representam elemento fundamental quanto à preservação da identidade nacional e a noções de valorização das culturas populares, de forma com que abordá-los em contextos educativos torna-se necessário. A Educação Ambiental, em especial sua macrotendência crítica, posiciona-se frente aos desafios de ordem socioambiental a partir de uma postura política, levando em consideração a cidadania, o respeito à cultura popular a ideia de justiça social. Sendo assim, a cultura popular e as manifestações culturais representam potencial objeto de estudo das pesquisas em EA, visto que tratam da realidade empírica de diferentes populações brasileiras com suas particularidades e idiossincrasias, através de diferentes formas de expressão como a contação de histórias, a música, entre outros. Essa pesquisa propôs-se a compreender de que maneira tem se desenvolvido a produção acadêmica nacional que relaciona a cultura popular e as manifestações culturais à EA, de forma a buscar fomentar esses temas dentro de cenários educacionais brasileiros e valorizar a importância desses temas correlacionados, sistematizando e analisando publicações em EA já publicados sobre o tema. Esse estudo, portanto, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa do tipo "Estado da Arte e baseou-se no banco de dados do Projeto EArte, usado para a definição do *corpus* documental. As sete pesquisas encontradas foram mapeadas e organizadas de acordo com estado e região de publicação, distribuição temporal, Instituições de Ensino Superior às quais estiveram vinculadas, bem como programas de pós-graduação. Além disso, passaram por uma análise de conteúdo utilizando o método de Bardin (1977), com o intuito de compreender quais as compreensões de EA adotadas e os principais referenciais teóricos utilizados, além das possíveis contribuições das manifestações culturais estudadas às práticas educacionais em EA. A maior parte das pesquisas alinham-se à Educação Ambiental crítica e à Educação Popular, tendo como principais referenciais teóricos os autores Paulo Freire, Carlos F. B. Loureiro, Boaventura de Sousa Santos e Michèle Sato. Entre as associações e

contribuições das manifestações culturais à EA, figuram especialmente lendas, cantigas e toadas, e ofícios tradicionais, como o da benzedeira. Após a análise dos trabalhos do *corpus* documental, é possível compreender as diversas contribuições que as manifestações culturais podem oferecer ao campo da EA, de forma a permitir que sejam estabelecidos diálogos entre diferentes comunidades e grupos sociais em prol da construção de metodologias participativas em EA, com o objetivo de pensar e criar novos cenários, pautados na justiça socioambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental, EArte, Manifestações Culturais, Cultura Popular

ABSTRACT

The Brazilian national identity corresponds to an amalgamation of influences inherited from the different peoples that have already inhabited the country's territory, in a way that culture develops and is expressed through different manifestations, built over decades and centuries by peoples with different backgrounds. Origins, experiences and contexts, members of what Brazil is as a nation and identity. In this context, cultural manifestations represent a fundamental element regarding the preservation of national identity and notions of valuing popular cultures, so that approaching them in educational contexts becomes necessary. Environmental Education, in particular its critical macro-trend, is positioned in the face of socio-environmental challenges from a political stance, taking into account citizenship, respect for popular culture and the idea of social justice. Thus, popular culture and cultural manifestations represent a potential object of study of research in EE, since they deal with the empirical reality of different Brazilian populations with their particularities and idiosyncrasies, through different forms of expression such as storytelling, music , between others. This research aimed to understand how the national academic production that relates popular culture and cultural manifestations to EE has been developed, in order to seek to promote these themes within Brazilian educational scenarios and value the importance of these correlated themes, systematizing and analyzing publications in EA already published on the topic. This study, therefore, is characterized as a qualitative research of the "State of the Art" and was based on the database of the EArte Project, used to define the documentary *corpus*. The seven surveys found were mapped and organized according to state and region of publication, temporal distribution, Higher Education Institutions to which they were linked, as well as graduate programs. In addition, they underwent a content analysis using Bardin's method (1977), in order to understand which EE understandings were adopted and the main theoretical references used, in addition to the possible contributions of the cultural manifestations studied to educational practices in EE. Most of the research is aligned with critical Environmental Education and Popular Education, having as main theoretical references the authors Paulo Freire, Carlos F. B. Loureiro, Boaventura de Sousa Santos and Michèle Sato. Among the associations and contributions of cultural manifestations to EE, there are especially legends, songs and tunes, and traditional crafts, such as the faith healer. After analyzing the work of the documentary *corpus*, it is possible to understand the various contributions that cultural manifestations can offer to the field of EE, in order to allow dialogues to be established between different communities and social groups in favor of the construction of participatory methodologies in EE, with the objective of thinking and creating new scenarios, based on socio-environmental justice.

Keywords: Environmental Education, EArte, Cultural Manifestations, Popular Culture

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 13
1.1 Educação Ambiental 13
1.2 Contribuições da Educação Popular e de Paulo Freire à Educação Ambiental no contexto da valorização da Cultura Popular 15
1.3 Cultura Popular e Ecologia de Saberes: diálogos necessários para a construção de saberes ambientais 17
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA 21
3 RESULTADOS EM DISCUSSÃO 26
3.1 Mapeamento do *corpus* documental 26
3.2 As principais compreensões sobre Educação Ambiental e os referenciais teóricos adotados nos trabalhos do *corpus* documental 29
3.3 . Educação Ambiental e Cultura Popular: contribuições e caminhos possíveis a partir das manifestações culturais como ferramentas pedagógicas 34
CONSIDERAÇÕES FINAIS 37

INTRODUÇÃO

A terra deu, a terra dá, a terra cria
Homem a terra cria, a terra deu, a terra há
A terra voga, a terra dá o que tirar
A terra acaba com toda mal alegria
A terra acaba com inseto que a terra cria
Nascendo em cima da terra, nessa terra há de viver
Vivendo na terra, que essa terra há de comer
Tudo que vive nessa terra, pra essa terra é alimento

Mestre Verdelinho

A identidade nacional brasileira corresponde a uma amálgama de influências herdadas dos diferentes povos que já habitaram o território do país, desde populações descendentes de povos pré-colombianos, às comunidades europeias de colonizadores e imigrantes; bem como as africanas, das populações trazidas ao país em tempos de escravatura (DAMATTA, 1986; FREYRE, 2006). Esses povos e suas diferentes culturas influenciaram as crenças religiosas do país, marcadas por forte sincretismo; nossa dieta e culturas agroalimentares; nossas lendas, mitos e ritos, e as tradições populares, de maneira geral. Em diferentes faixas territoriais brasileiras, a depender das populações que ali habitaram ao longo dos tempos, formam-se características próprias ligadas à cultura, às tradições e aos etnosaberes que se distinguem entre si (CASCUDO, 2013; FERREIRA, 2008).

De acordo com Chauí (1989), a cultura pode ser definida como

> o campo no qual a sociedade inteira participa elaborando seus símbolos e seus signos, suas práticas e seus valores, definindo para si o possível e o impossível, a linha do tempo (passado, presente, futuro), as distinções do interior do espaço, os valores, como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, a noção de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, a relação com o visível e o invisível, com o sagrado e com o profano, tudo isso passa a constituir a cultura no seu todo (CHAUÍ, 1989, p. 51).

Dessa forma, a cultura pode se expressar por meio de diferentes manifestações, construídas ao longo de décadas e séculos por povos com diferentes origens, vivências e contextos, integrantes do que é o Brasil enquanto nação e identidade (CASCUDO, 2013). As manifestações acabam, portanto, por sintetizar diversos elementos presentes no cotidiano dessas populações, resgatando elementos

da história da formação de sua identidade, e carregando importantes símbolos que caracterizam suas culturas. Por meio de histórias, músicas, danças e alegorias, o *Bumba-meu-Boi*, por exemplo, reconta entre realidade e fantasia um passado indígena e escravocrata do Maranhão (ABIB, 2004).

Nesse contexto, as manifestações culturais representam elemento fundamental quanto à preservação da identidade nacional e a noções de valorização das culturas populares, de forma com que abordá-los em contextos educativos torna-se necessário. Como apontou Freire (1997),

> A pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, costumes, valores etc. que caracterizam a população brasileira, marca também, as instituições de educação. O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para a criança. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas escolhas (FREIRE, 1997, p. 42).

A Educação Ambiental, em especial sua macrotendência crítica, posiciona-se frente aos desafios de ordem socioambiental a partir de uma postura política, levando em consideração a cidadania, o respeito à cultura popular e a ideia de justiça social (REIGOTA, 2004; 2011). Dessa forma, a cultura popular e as manifestações culturais representam potencial objeto de estudo das pesquisas em Educação Ambiental, visto que tratam da realidade empírica de diferentes populações brasileiras com suas particularidades e idiossincrasias, através de diferentes formas de expressão como a contação de histórias, a música, a dança, o uso de indumentárias, entre outros (CASCUDO, 2013).

A partir de formas de expressão artísticas atreladas ao conjunto de crenças e tradições construídas pelas inúmeras culturas populares brasileiras, as manifestações culturais apresentam um imenso leque de possibilidades a serem exploradas em contexto educativo formal e não-formal.

Essa pesquisa, portanto, propõe-se a compreender de que maneira tem se desenvolvido a produção acadêmica nacional que relaciona a cultura popular e as manifestações culturais à Educação Ambiental, de forma a buscar fomentar esses temas dentro de cenários educacionais brasileiros e valorizar a importância desses temas correlacionados.

Sendo assim, foram estipuladas as seguintes questões de pesquisa:

- Como está organizada a produção acadêmica sobre Educação Ambiental, Cultura Popular e manifestações culturais, a partir do ano de 1980, geograficamente, e os programas De Pós-Graduação e Instituições de Ensino Superior vinculados a esses estudos?

- Quais as principais compreensões de Educação Ambiental adotadas, bem como referenciais teóricos utilizados?

- Quais são as possíveis contribuições das manifestações culturais à Educação Ambiental, apontadas por esses trabalhos?

Em “Fundamentação teórica” trazemos uma revisão bibliográfica com temas pertinentes a uma melhor compreensão sobre o problema de pesquisa, divididos em três seções, as quais trazem um panorama conceitual e as principais abordagens teóricas sobre Educação Ambiental crítica, Educação Popular, Ecologia de Saberes, entre outros, que sustentam teoricamente este trabalho.

O capítulo a seguir “Procedimentos de Pesquisa”, apresenta quais foram os procedimentos da pesquisa e da análise de dados, além de abordar brevemente o que é o Projeto EArte e quais foram as etapas realizadas para a constituição do *corpus* documental e sua posterior sistematização e análise.

Nos capítulos seguintes são expostos os “Resultados”, tendo por norte os objetivos da pesquisa definidos anteriormente e, por fim, a presente pesquisa conta com “Considerações Finais” acerca do tema, após a revisão bibliográfica, organização dos trabalhos do *corpus* e análise de conteúdo.

Tendo em vista a necessidade de valorizar a cultura e as manifestações populares, as quais têm sofrido diferentes ataques, seja devido à falta de valorização governamental, seja devido às pressões exercidas pela importação de referências culturais estrangeiras, esse trabalho se justifica por propor-se a sistematizar e analisar as teses e dissertações em EA já publicadas acerca dessa temática, a fim de fomentar esse campo de estudo e contribuir com o mesmo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

> *Nenhuma realidade é porque tem que ser. A realidade pode e deve ser mutável, deve ser transformável. Mas, para justificar os interesses que obstaculizam a mudança, é preciso dizer que "é assim mesmo". O discurso da impossibilidade é, portanto, um discurso ideológico e reacionário. Para confrontar o discurso ideológico da impossibilidade de mudar, tem-se de fazer um discurso também ideológico de que tudo pode mudar. Eu não aceito, eu recuso completamente essa afirmação, profundamente pessimista, de que não é possível mudar. (FREIRE, 2001, p.169)*

1.1 Educação Ambiental

Longe de ser um campo de estudo homogêneo e unidirecional, a Educação Ambiental (EA) apresenta diferentes vertentes que podem se complementar, mas também podem se contrapor. Como apontam Layrargues e Lima (2014), a EA é uma "área de disputa" entre diferentes correntes e perspectivas. Sendo assim, esse trabalho afirma que a Cultura Popular e as manifestações culturais são assuntos pertinentes ao campo da EA, mas para isso deve posicionar-se a respeito de qual o viés adotado para tal afirmação.

Dentre as possíveis classificações de EA, adotamos aquela proposta por Layrargues e Lima (2014). Segundo os autores, a EA pode ser classificada em três macrotendências distintas entre si: a primeira delas é a conservacionista, a qual ascendeu no Brasil em meados de 1980, levando em consideração o cenário reacionário em que o país se encontrava (LAYRARGUES; LIMA, 2014). Dessa forma, a EA conservacionista reflete características do momento em que surgiu e caracteriza-se pelo seu caráter apolítico, biologizante e cientificista, desconsiderando aspectos sociais e culturais da EA e enfatizando soluções ambientais pautadas na tecnologia e no comportamento individual (LAYRARGUES; LIMA, 2014). Como declaram os autores,

> O conservacionismo e o conservadorismo se fundem porque ao adotarem uma perspectiva com viés ecológico da questão ambiental perdem de vista as dimensões sociais, políticas e culturais indissociáveis de sua gênese e dinâmica; porque não incorporam as posições de classe e as diferentes responsabilidades dos atores sociais enredados na crise; porque reduzem a complexidade do fenômeno ambiental a uma mera questão de inovação tecnológica e porque, finalmente, acreditam que os princípios do mercado são

> capazes de promover a transição no sentido da sustentabilidade (LAYRARGUES E LIMA, 2014, p. 30).

A macrotendência pragmática, por sua vez, não tem como foco a conservação ambiental irrestrita mas segue enfatizando ações individuais e baseadas no uso de tecnologias “verdes”, trazendo para o debate noções de consumo consciente, economia de água e energia, desenvolvimento sustentável, etc. (LAYRARGUES; LIMA, 2014).

Frente a essas duas macrotendências em EA, posiciona-se a EA crítica, também chamada de EA emancipatória, transformadora ou popular. Influenciada pela teoria marxista, pela Ecologia Política, pelo pensamento de Paulo Freire e pela Educação Popular, a EA crítica acredita que a superação do sistema atual, responsável por gerar e acelerar o colapso ambiental, só será possível a partir da ação conjunta dos cidadãos para a construção de um novo modelo de relação entre humanos e natureza, numa ação contra hegemônica. Como expõe Loureiro,

> A educação ambiental emancipadora e transformadora parte da compreensão de que o quadro de crise em que vivemos não permite soluções compatibilistas entre o ambientalismo e o capitalismo ou alternativas moralistas que deslocam o comportamental do histórico-cultural e do modo como a sociedade está estruturada (LOUREIRO, 2012, p.104).

Loureiro e Layrargues (2013) destacam que, para que se construa esse novo modelo, faz-se necessário trazer aos debates ambientais o estudo das relações socioculturais, visto que a problemática ambiental não pode ser dissociada dos conflitos sociais, dando voz a atores muitas vezes subjugados, como movimentos sociais e comunidades tradicionais.

Para a formação de uma aliança contra hegemônica que permita que mudemos a sociedade atual, é necessário, portanto desvencilhar-se de modelos hierárquicos pré-estabelecidos, a fim de se ampliar a ideia de cidadania e, portanto, de uma EA de fato transformadora e popular, que dê espaço e ouvidos a todos os cidadãos para assim gerar uma mudança baseada em interesses coletivos e não apenas de uma minoria privilegiada.

Na seção seguinte, trataremos acerca das contribuições da Educação Popular, que tem como importante expoente Paulo Freire, ao campo da Educação Ambiental crítica.

1.2 Contribuições da Educação Popular e de Paulo Freire à Educação Ambiental no contexto da valorização da Cultura Popular

Contrária ao modelo educacional vigente e atrelado aos interesses do capitalismo, denominado por Paulo Freire como “educação bancária”, a Educação Popular (EP) objetiva construir um novo modelo de sociedade que garanta a emancipação dos sujeitos e a valorização da cultura e do poder popular, orientando-se em prol da transformação da sociedade (FREIRE, 1987). A EP figura, então, como estratégia política contra hegemônica e que visa uma sociedade mais justa. Para isso, valoriza “a cultura popular, o diálogo entre povos [...] a soberania alimentar, entre outras inúmeras propostas”, de forma a apresentar diversas interfaces com os interesses da EA crítica (TOSTES, 2015, p.16)

Assim sendo, a EP aponta caminhos para a superação do modelo atual, a partir de experiências educacionais que compreendam a “formação do sujeito aprendiz como um ator crítico, criativo, solidário e participante (BRANDÃO, 2008, p.35), e na “libertação como o fim da educação”, reconhecendo cidadãos como atores de sua própria história e não como sujeitos alienados da realidade, a serem controlados e oprimidos (TOSTES, 2015, p. 26).

Nesse contexto, a teoria de pensamento proposta por Freire em relação a uma educação emancipadora denuncia a visão do educador como um mentor e do educando como uma folha em branco, destinada a receber conhecimentos verticalmente, a fim de apenas reproduzir valores e crenças favoráveis a perpetuação de um modelo de dominação (FREIRE, 1987). Na concepção proposta por Freire, mantém-se a ideia de educador e de educando, contudo, as relações entre ambos os sujeitos buscam ser horizontais e baseadas no diálogo, de forma a estimular os atores do processo educativo a se envolverem e trabalharem sua criatividade, autonomia e saberes (FREIRE, 1987).

Assim sendo, entende-se por objetivo da EP o “aprimoramento humano naquilo que pode ser aprendido e recriado a partir de diferentes saberes existentes em uma cultura” (LOUREIRO; AZAZIEL; FRANCA, 2005 *apud* TOSTES, 2015, p. 42). A cultura, nesse contexto, tem papel fundamental no processo educativo pois, é intrínseca ao ser humano e a sua maneira de compreender e transformar o mundo ao seu redor. Sendo assim, a partir da cultura o ser humano cria, se expressa e manifesta

suas representações sociais, estando em constante construção e transformação (FREIRE, 1967; 1975; 1979).

> O cão e a árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobe si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1979, p.27)

Voltando a EP e as contribuições de Paulo Freire ao campo da EA, ainda que não tenha se debruçado especificamente à questão ambiental em suas obras, é possível apontar semelhanças entre ambas as correntes de pensamento, visto que, como aponta Loureiro (2012), por mais que movimentos sociais (em geral atrelados ao pensamento freiriano) nem sempre se denominem como “ambientalistas”, suas propostas muito têm a ver com as de interesse da EA, pois problemas de ordem social e ambiental costumam apresentar origens e desdobramentos similares e, portanto, ser impossível apontar onde começam e terminam os aspectos sociais e ambientais dos mesmos (LOUREIRO, 2012).

Tostes (2015) exemplifica essa questão abordando a carta escrita por Freire após o brutal assassinato de um indígena, intitulada “Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó”. Nesse documento, Freire questiona valores que regem as relações sociais e a estigmatização de minorias étnicas através de uma denúncia sobre a prevalência da “ética do mercado, do lucro”. Nas palavras do autor, “as pessoas valendo pelo que ganham em dinheiro por mês”, a desvalorização da “reverência à vida não só humana, mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valoração dos sentimentos” (FREIRE, 1997, p.31) e dos “princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas” (FREIRE, 1997, p.34).

Ainda sobre contribuições da EP à EA e à formação da macrotendência crítica, está o rompimento com o que Mia Couto define como “arrogância messiânica da Educação Ambiental”, responsável por estabelecer relações educativas de maneira vertical (reproduzindo a educação bancária) ao impor uma EA como um conjunto de normas e não como um processo orgânico e horizontalmente construído que baseia-

se na escuta, na amorosidade e na valorização de saberes tradicionais, parte tão importante da cultura popular (TOSTES, 2015)

A EP reforça, assim, a importância dos conhecimentos, memórias e tradições populares para a construção e o aprimoramento das estratégias pedagógicas, sublinhando o papel do educando como sujeito do processo educativo, e não como objeto, estimulando assim o diálogo e a participação dos membros da comunidade (BRANDÃO, 2002; FREIRE, 2004).

Se tratando da EP de maneira geral, entre os princípios básicos estipulados pelo Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (BRASIL, 2014), são apontados:

> I - Emancipação e poder popular.
> II - Participação popular nos espaços públicos.
> III - Equidade nas políticas públicas fundamentada na solidariedade, na amorosidade.
> IV - Conhecimento crítico e transformação da realidade.
> V - Avaliação e sistematização de saberes e práticas.
> VI - Justiça política, econômica e socioambiental. (BRASIL, 2014, p. 49)

Dessa forma, observa-se a relação entre a EP com o engajamento popular, a “transformação da realidade”, e a ideia de justiça socioambiental; assuntos afins aos interesses da EA crítica, popular e transformadora.

Em seguida, abordaremos os conceitos de Cultura Popular e manifestações culturais adotados no presente trabalho, salientando as contribuições da Ecologia de Saberes, de Boaventura de Souza Santos, e do Saber Ambiental, de Enrique Leff, ao estudo das relações entre a Educação Ambiental crítica e a cultura popular.

1.3 Cultura Popular e Ecologia de Saberes: diálogos necessários para a construção de saberes ambientais

O conceito de Cultura Popular (CP) é definido por diversos autores a partir da diferenciação entre o popular e o erudito, de forma com o que erudito e, portanto, a cultura erudita, fazem alusão àquilo que é rebuscado, sofisticado, letrado, associado às universidades e à ideia de alta cultura; ao passo que a cultura popular tem a ver

especialmente, com saberes de transmissão oral (portanto, iletrados), com a cultura subalterna e com o que foge do estabelecido por normas e padrões (BOSI, 1991; CHARTIER, 1995; AYALA; AYALA; 2002; SANTOS, 2003).

Ayala e Ayala (2002) destacam que a Cultura Popular é viva, pois está propensa a constantes transformações, de forma com que sua conceituação torna-se um desafio, visto que a mesma não é estática e facilmente definível. Além disso, sobre a origem das tradições e manifestações culturais populares,

> [...] não cabe mais analisar as práticas culturais populares como sobrevivências do passado no presente, pois, independentemente de suas origens, mais remotas ou mais recentes, mais próximas ou mais distantes geograficamente, elas se reproduzem e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados. (AYALA; AYALA, 2002, p.52)

Carvalho (2017) aborda a CP comparando-a com o que Paulo Freire chamou de *saberes por experiência* ou *saberes prévios das comunidades*, ou seja, conhecimentos empíricos construídos cotidianamente, de maneira singular dentro das características de cada comunidade. Esses saberes representam uma chave de extrema importância nos processos e práticas educativas dentro desses espaços comunitários e, dessa forma, faz-se necessário o diálogo entre o erudito e o popular a fim de romper com hierarquias no processo educativo (CARVALHO *apud* FREIRE, 2014).

Sobre o diálogo entre culturas, é importante frisar que a necessidade do mesmo se dá justamente por não existir, de fato, culturas melhores ou piores umas que as outras, apenas tradições, origens e histórias distintas (CANDAU, 2011). A cultura dominante, inclusive em espaços educacionais, reproduz discursos impostos pelo sistema de dominação vigente, priorizando “o comum, o uniforme, o homogêneo” (CANDAU, 2011, p.241).

Boaventura de Souza Santos ilustra essa questão acerca da dicotomia entre o erudito e o popular e a dominância de um aspecto sobre o outro discorrendo sobre uma “linha abissal” que separa os saberes da elite dos saberes das classes populares, estas, marginalizadas (SANTOS, 2010). A prevalência de um tipo de saber em relação aos outros, o autor nomeia como *Monocultura do Saber*, ou seja, o saber das classes dominantes visto como universal, e os demais saberes considerados subalternos e

sujeitos à supressão (SANTOS, 2010). O resultado da repressão destes saberes e culturas populares o autor chama de epistemicídio.

> O epistemicídio foi a tentativa, muitas vezes bem sucedida, de esmagar, suprimir, ignorar e destruir as formas de saber que não se enquadravam nos esquemas do saber científico moderno. A empreitada colonial empreendeu para além do genocídio físico dos indígenas, negros e todos os não europeus, um genocídio epistemológico. (SANTOS *apud* SILVA, 2016, p.22-23)

De acordo com Santos (2010), uma possível saída para a superação da Monocultura do Saber seria a *Ecologia de Saberes*, ou seja, o diálogo entre conhecimentos e saberes diversos. O autor ainda aponta a Ecologia de Saberes como uma necessidade frente à crise socioambiental, em que saberes científicos deverão se atrelar ao saber indígena e tradicional; em que os diferentes movimentos sociais deverão dialogar e se escutar a fim de encontrar soluções aos problemas de ordem política, social e ambiental cada vez mais recorrentes (SANTOS, 2010). Dessa forma, nenhum saber buscaria se sobrepor ao outro, mas sim se integrarem e contribuírem a fins coletivos, construindo novos saberes por meio do diálogo.

Como destacou Paulo Freire (1979, p.15)

> O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo o saber humano tem em si o testemunho do novo saber que se anuncia. Todo o saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber e da ignorância. Por isso, não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo.

Ainda nesse sentido, o pensamento de Enrique Leff contribui para o entendimento sobre saberes subalternos e contra hegemônicos no contexto da CP, tendo em vista suas reflexões sobre o *saber ambiental* e a crise socioambiental, que o autor considera como uma *crise do conhecimento*.

Para Leff (2001; 2009; 2012), o saber ambiental forma-se a partir de uma racionalidade que não a capitalista, compondo-se do diálogo entre saberes científicos e saberes tradicionais e práticos, mantendo conexões plurais entre o social/cultural e o natural, “derrubando certezas e abrindo raciocínios” (LEFF, 2012, p.78), fundando uma “nova racionalidade social e produtiva” (LEFF, 2012, p.22).

A partir da análise de textos de Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos e Enrique Leff, percebe-se a necessidade de propor o diálogo nas práticas educativas,

de forma a romper muros e construir pontes entre saberes e culturas. Dessa forma, e tendo em vista a compreensão de EA adotada pelo presente trabalho, é imprescindível que sejam pesquisadas as manifestações culturais populares a partir da ótica da EA de cunho crítico, com o intuito de propiciar o diálogo entre saberes tão necessários para a superação da crise socioambiental que tem se intensificado no Brasil, sobretudo após o último governo.

Assim sendo, os capítulos seguintes dedicam-se à apresentação dos resultados da presente pesquisa, que avaliou sete dissertações de mestrado que tiveram como objetos de estudo manifestações culturais brasileiras e suas possíveis relações com a EA.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

No rumo de uma estrela
Vou pelo mato afora
Na boca da noite
Na beira do mato
Os grilos são astros

Rosinha de Valença

O presente trabalho corresponde a uma pesquisa caracterizada como “Estado da Arte”, e para sua execução baseou-se no Projeto “Estado da Arte da Pesquisa em Educação Ambiental no Brasil” (EArte). Trabalhos dessa natureza propiciam o amadurecimento de determinados campos de pesquisa, bem como permitem incrementar a compreensão acerca do panorama em que se insere a produção acadêmica no tema de interesse e a forma como a mesma se desenvolve, destacando aspectos e dimensões trabalhadas em diferentes contextos (FERREIRA, 2002).

Além disso, pesquisas do tipo “Estado da Arte” permitem a identificação de lacunas, divergências, contradições e tendências dentro de uma área de conhecimento, favorecendo a construção dos estudos nesse assunto, visto que, ademais, costumam apontar principais concepções utilizadas, bem como referenciais teóricos e metodológicos mais comumente adotados (SOARES *apud* ROMANOWSKI, 2006; CARVALHO *et al*, 2016).

Nesse sentido, o Projeto EArte visa contribuir com o amadurecimento da pesquisa em Educação Ambiental no Brasil, tendo se originado do Projeto “O que sabemos sobre Educação Ambiental no Brasil: análise da produção acadêmica (teses e dissertações)”, idealizado pelo Prof. Dr. Hilário Fracalanza (*in memoriam*), no ano de 2001.

O Projeto EArte busca, portanto, compilar, sistematizar e reunir dados referentes à produção acadêmica em EA, realizada em instituições de ensino superior (IES) brasileiras a partir de 1980 (CARVALHO et. al, 2016). Para tal, apresenta um banco de dados online onde estão disponibilizadas ferramentas de busca por meio do título, autor, orientador, palavras-chave, termos ou “qualquer campo”.

Na busca por respostas às nossas questões de pesquisa, este trabalho teve o objetivo de estudar as possíveis relações entre as manifestações culturais, a cultura popular e a EA na produção acadêmica sobre o tema. Para tanto, compusemos o *corpus* documental da pesquisa com os trabalhos localizados no banco EArte utilizando os seguintes termos de busca: “cultura popular” e “manifestação cultural”

em todas as suas variações (caixa alta, plural, sem acentuação etc.) inseridos no espaço de busca “qualquer campo”, abrangendo, portanto, resultados obtidos em resumos, títulos e palavras-chave de pesquisas acadêmicas brasileiras.

Dessa busca, foram obtidos 19 resultados, entre teses e dissertações, apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 1: Resultados obtidos na busca pelos termos “Cultura Popular” e “Manifestação Cultural”, no banco de dados EArte.

Autor(a)	Título	Termo buscado
Ana Paula Rabelo	**Meio ambiente, educação e arte na perspectiva do Projeto Emcantar: uma contribuição à educação formal**	*cultura popular*
Claudio Renato Moraes Da Silva	**O homem, a Educação Ambiental e a cultura do plantio da cebola**	*cultura popular*
Daniel Renaud Camargo	**Lendas, rezas e garrafadas: educação ambiental de base comunitária e os saberes locais no Vale do Jequitinhonha**	*cultura popular*
Igor Rodrigues De Sant'anna	**Educação, território e estratégias de desenvolvimento local sustentável: práticas socioeducativas no Parque Metropolitano de Pirajá**	*cultura popular*
Laercio Vitorino De Jesus Oliveira	**Memórias e experiências: aspectos culturais irrenunciáveis de comunidades do entorno da Laguna - 2000 à 2011**	*cultura popular*
Mairna Costa Dias	**A matinta tem a cor da chuva: ludicidade como estratégia de ensino-aprendizagem para educação ambiental**	*cultura popular*
Priscila Correia Fernandes	**Etnofarmacologia como ferramenta para a educação ambiental**	*cultura popular*
Sara Divina Melo Da Silva	**O ambiente cantado e contado pelos brincantes de coco de roda e ciranda da Paraíba**	*cultura popular*

Alessandra Silva Correia Soto	**O museu como espaço educativo: uma proposta metodológica para o museu oceanográfico Univali**	*manifestação cultural*
Belissa Saadi Vieira	**Manifestações culturais e ambientais das crianças nos espaços de recreação do Caic/Furg: contribuições para a educação ambiental**	*manifestação cultural*
Cristiane Carolina De Almeida Soares	**Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavalo: diálogos da arte, cultura e natureza**	*manifestação cultural*
Ivanete Ines Parzianello Carvalho	**Percepção ambiental na Serra do Tapirapuã - Tangará da Serra - MT**	*manifestação cultural*
Jaqueline Maria Alexandre Weiler	**Diálogo entre a escola e o saber-fazer de uma comunidade tradicional: possibilidade de transição para um espaço educador sustentável**	*manifestação cultural*
Lina Marcia De Carvalho Da Silva Pinto Piovezan	**A Educação Ambiental na perspectiva das Festas de São Benedito e do Divino Espírito Santo de Poconé-MT**	*manifestação cultural*
Marcio Cordeiro Oliveira Junior	**Comunicação ambiental e cibercultura: um estudo sobre blog ambiental e experiência de jornalismo-ambiental-universitário**	*manifestação cultural*
Maria Inês Meira Santos Brito	**Das lendas a História: a busca de identidade de um povo**	*manifestação cultural*
Regisnei Aparecido De Oliveira Silva	**Bases para Educação Ambiental em espaços não-escolarizados: um estudo com a comunidade de Retireiros do Araguaia, Luciara-MT**	*manifestação cultural*
Ineia Simas De Souza	**Festival folclórico de Parintins: um olhar sociocultural e educacional**	*manifestação cultural*
Bruna Oliveira Hartz	**Cultura, religiosidade e ambiente na Amazônia: a proteção jurídica das práticas e saberes das comunidades Ayahuasqueiras**	*manifestação cultural*

Fonte: elaborado pela autora.

Após essa etapa, foi realizada a leitura flutuante dos resumos de todos os trabalhos, utilizando a própria plataforma EArte. Esse procedimento, baseado na análise de conteúdo de Bardin (1977), foi realizado a fim de filtrar quais trabalhos mais se alinhavam aos objetivos desta pesquisa. De acordo com Oliveira *et al* (2003), esse método permite destacar quais os "indicadores úteis aos objetivos da pesquisa" (p.6), de modo a propiciar a interpretação dos resultados de acordo com o contexto da pesquisa.

Os trabalhos selecionados foram buscados na internet e lidos integralmente, de forma com que, aqueles que correspondiam aos objetivos buscados (ou seja, relacionavam EA e manifestações culturais e/ou a cultura popular) compuseram o *corpus* documental a ser analisado, formado por 7 (sete) dissertações apresentadas na tabela a seguir.

Tabela 2: *corpus* documental definitivo

Código	Autor(a)	Título	PPG	IES	Ano
T1	PIOVEZAN, Lina Marcia de Carvalho da Silva Pinto	A Educação Ambiental na perspectiva das Festas de São Benedito e do Divino Espírito Santo de Poconé-MT	Educação (mestrado)	UFMT	2006
T2	SILVA, Sara Divina Melo	O ambiente cantado e contado pelos brincantes de coco de roda e ciranda da Paraíba	Educação (mestrado)	UFSC	2011
T3	SOUZA, Ineia Simas	Festival folclórico de Parintins: um olhar sociocultural e educacional	Educação (mestrado)	UFAM	2011
T4	DIAS, Mairna Costa	A matinta tem a cor da chuva: ludicidade como estratégia de ensino-aprendizagem para educação ambiental	Educação (mestrado)	UFPA	2015
T5	WEILER, Jaqueline Maria Alexandre	Diálogo entre a escola e o saber-fazer de uma comunidade tradicional: possibilidade de transição para um espaço educador sustentável	Educação (mestrado)	Univali	2015
T6	CAMARGO, Daniel Renaud	Lendas, rezas e garrafadas: educação ambiental de base comunitária e os saberes locais no Vale do Jequitinhonha	Educação (mestrado)	UNIRIO	2017

T7	SOARES, Cristiane Carolina de Almeida	Educação ambiental na comunidade quilombola de Mata Cavalo: diálogos da arte, cultura e natureza	Educação (mestrado)	UFMT	2018

Fonte: elaborado pela autora

Para a análise dos trabalhos presentes no *corpus* documental, foi elaborado um documento onde constavam excertos de todos os trabalhos, que fizessem referência aos objetivos desta pesquisa. Esses excertos foram agrupados de acordo com semelhanças e discrepâncias entre os trabalhos. Foram buscados trechos que mencionassem, sobretudo, as compreensões de EA utilizadas pelos autores, destacando principais referenciais teóricos utilizados, e associações entre EA, Cultural Popular e/ou manifestações culturais. Ademais, foram compiladas algumas das possíveis contribuições e potenciais apresentados pelas manifestações culturais abordadas nesses trabalhos, ao campo da EA.

Além da análise de conteúdo, os trabalhos do *corpus* documental foram sistematizados de acordo com a região e o estado em que foram publicados, as IES e programas de pós-graduação (PPG) aos quais estão ligados, bem como a distribuição temporal dos mesmos, produzindo um panorama geral da pesquisa em EA nas suas relações com manifestações culturais e cultura popular.

O capítulo seguinte apresenta os resultados da pesquisa, colocando-os em discussão.

3 RESULTADOS EM DISCUSSÃO

São José da Costa Rica, coração civil
Me inspire no meu sonho de amor Brasil
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real
Vou sonhar coisas boas que o homem faz
E esperar pelos frutos no quintal

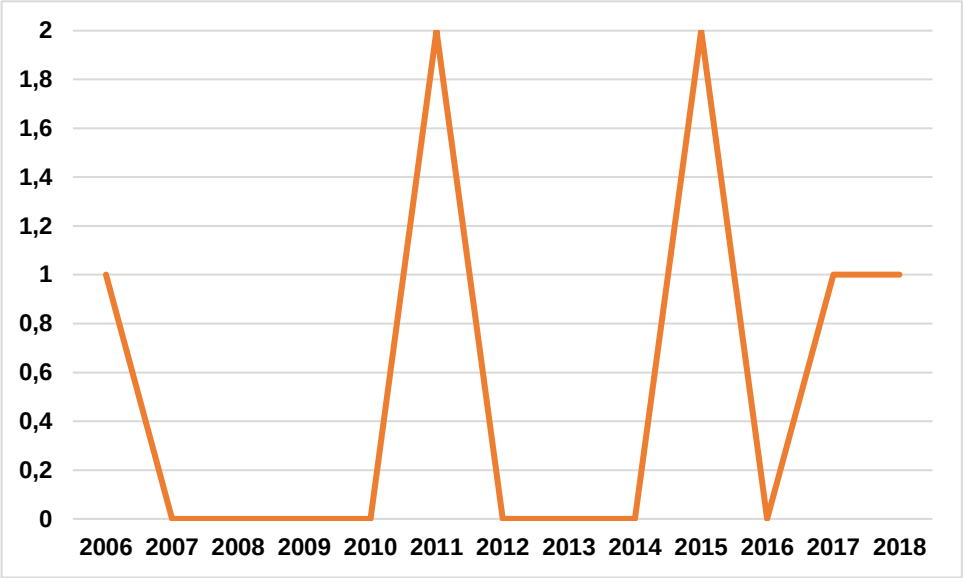
Milton Nascimento

3.1 Mapeamento do *corpus* documental

Como visto na tabela 2, o *corpus* documental é composto por um total de sete trabalhos, todos dissertações. De acordo com Lorenzetti (2008), é comum observar uma disparidade entre o número de teses e dissertações publicadas, e uma explicação possível é a maior disponibilidade de programas de mestrado em relação a programas de doutorado. Na data da publicação do seu levantamento, havia no país duzentos e doze programas de mestrado e apenas quarenta programas de doutorado (LORENZETTI, 2008).

Além disso, o autor aponta para o gradual processo em que tem se dado o aumento de trabalhos na área da EA nos anos após seu surgimento, de 1980. Ainda segundo Lorenzetti (2008), essa temática tem sido mais difundida no âmbito acadêmico a partir dos anos 2000, fato esse que pode ser corroborado visto a distribuição temporal de trabalhos do *corpus* documental, como explana o gráfico a seguir.

Gráfico 1: Distribuição temporal das pesquisas do *corpus* documental

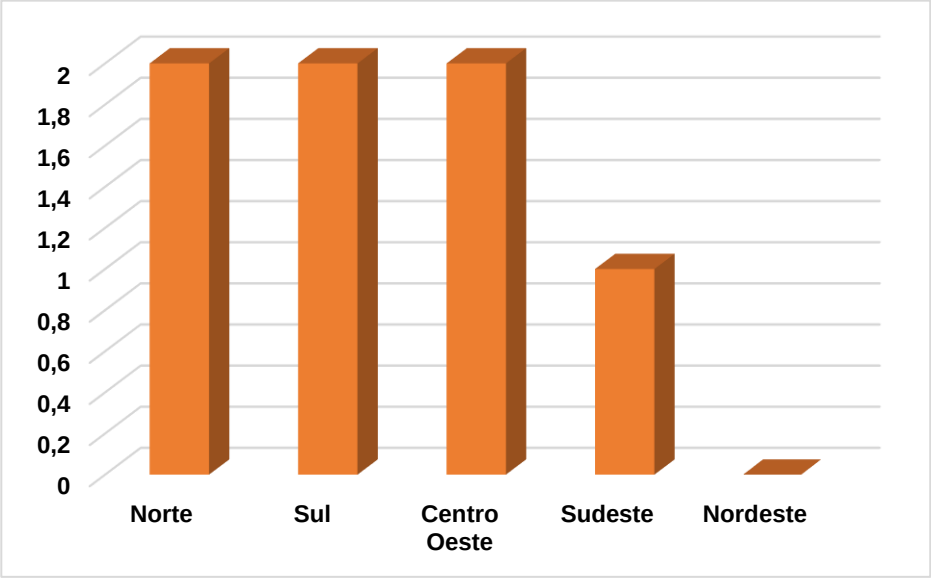


Fonte: elaborado pela autora.

Ainda que o presente trabalho tenha buscado publicações acadêmicas realizadas a partir de 1980, o gráfico só começa em 2006 por ser esse o ano de publicação da dissertação mais antiga do *corpus* documental. Como exposto por Reigota (2007, p.9) em seu artigo acerca do Estado da Arte da Educação Ambiental no Brasil, de 1980 a 1989, foram publicadas apenas sete teses e dissertações em EA, enquanto de 1990 a 2002 já haviam sido 279.

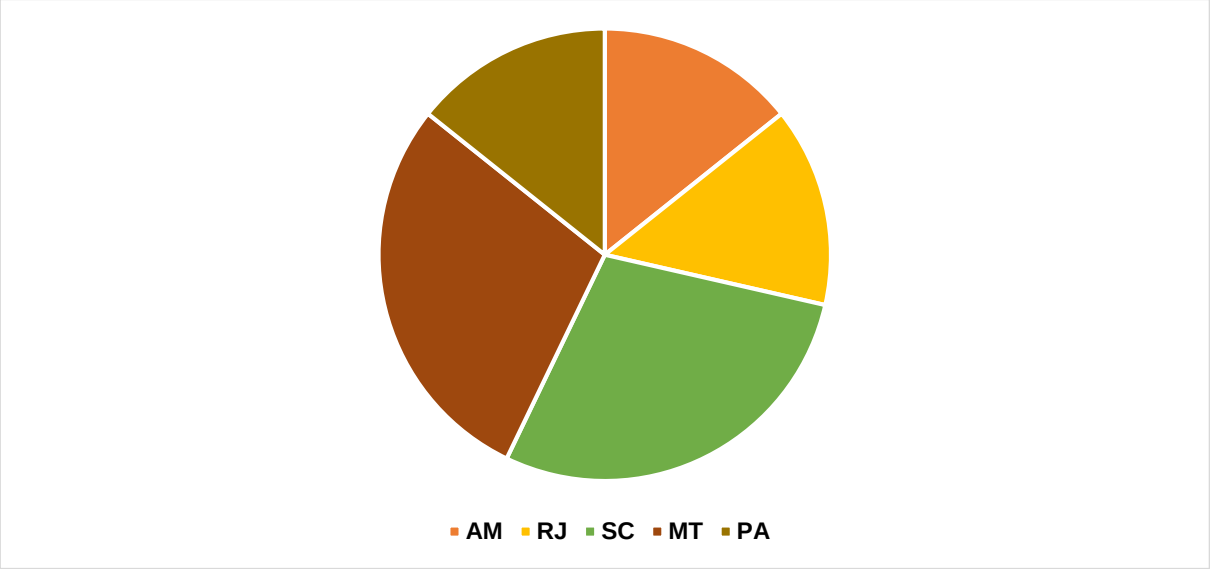
Já em relação ao *locus* de produção dos trabalhos, os gráficos 2 e 3 expõem o número de dissertações publicadas por macrorregião e por unidade federativa (UF), respectivamente.

Gráfico 2: Quantidade de pesquisas do *corpus* documental por macrorregião



Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 3: Quantidade de pesquisas do *corpus* documental por UF



Fonte: elaborado pela autora.

Por mais que exista uma maior oferta de PPG na região Sudeste (58,3% do total, de acordo com Lorenzetti (2008, p. 68)), os resultados obtidos não refletem esse cenário. A falta de publicações que tratam de Educação e CP na região Sudeste já foi retratada por Garcia e Faria (2009), que também apontaram as regiões Sul e Centro-Oeste como principais polos de publicação de pesquisas nessa temática.

Em relação aos PPG, todas as dissertações foram publicadas em programas de mestrado em Educação e, das seis IES às quais estão vinculadas, apenas uma é privada (Univali), ao passo que as demais são todas Universidades Federais. Esse resultado coincide com o apresentado por Carvalho *et al* (2016), que aponta como possível explicação para isso o programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), de 2007, que propiciou tanto o aumento no financiamento de pesquisas realizadas em IES federais quanto a construção de novas Universidades e Institutos.

Na próxima seção, abordaremos as principais compreensões de Educação Ambiental levantadas pelos trabalhos do *corpus* documental, bem como os principais referenciais teóricos adotados.

3.2 As principais compreensões sobre Educação Ambiental e os referenciais teóricos adotados nos trabalhos do *corpus* documental

Entre os sete trabalhos analisados, três deles (T2, T3 e T4) não deixaram claro qual a concepção, compreensão ou vertente de EA adotada. Os demais trabalhos manifestaram o alinhamento das respectivas pesquisas ao longo de toda a dissertação e, entre eles, T1, T5 e T6 demonstram tratar-se de pesquisas atreladas à EA crítica.

Parafraseando Carvalho (2004, p. 19), a autora do T1 justifica seu trabalho relacionando EA e as manifestações culturais da Festa do Divino Espírito Santo e de São Benedito apontando que

> a prática educativa que caracteriza uma educação ambiental crítica está pautada na “[...] formação do sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situado”. Assim, a cultura pode ser considerada o mapa de possibilidades que fornece o sentido para as ações educativas, que formam sujeitos de ação e de identidades, que ao mesmo tempo em que ensinam, também aprendem a ser e viver com liberdade e autenticidade, os

> conhecimentos que a vida social ensina. Confia-se na proposta de uma Educação Ambiental na qual as práticas educativas enfatizem os sujeitos e a sociedade enquanto partes que existem relacionadas umas com as outras. (T1, p. 48)

E acrescenta

> A Educação Ambiental crítica pode ser caracterizada como um processo de formação onde o sujeito passa a ser "capaz de ler seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e os problemas presentes". Essa leitura se torna crítica e libertadora quando os sujeitos da ação ao observar seu entorno, são capazes de compreender o mundo e agir nele de maneira transformadora. (T1, 55)

Dessa maneira, a autora associa a importância de considerar educandos como sujeitos fundamentais para o processo educativo e levar em consideração suas próprias percepções, memórias e representações sobre o ambiente, pautando o diálogo entre saberes como essencial à pratica educativa.

Sobre esse tema, o T5 também salienta a importância de "implementar uma Educação Ambiental que considere os sujeitos em sua totalidade, e que não seja demasiadamente focada na dimensão ecológica da sustentabilidade, mas que seja dialógica, crítica e participativa" (T5, p. 121). Mais adiante, reitera tratar-se de um trabalho que "acredita na Educação Ambiental crítica e não colonizadora, a qual Boaventura Santos, Enrique Leff e Paulo Freire se referem" (T5, p. 125), "uma Educação Ambiental comunitária, que se deixa aprender e ensinar com as histórias de vida, com as tradições, com os saberes e fazeres, e que é essencialmente transgressora e transformadora da realidade" (T5, p.125).

Quanto à ideia de uma EA comunitária, o autor do T6 expõe "a importância do diálogo entre diferentes saberes" e menciona o potencial de uma "articulação entre a Educação Ambiental Crítica e a Educação Popular para pensar Educação Ambiental de Base Comunitária [...]" (T6, resumo). Posteriormente, aponta como objetivo central da pesquisa "pensar sugestões de possíveis discussões de Educação Ambiental, contextualizadas às realidades e demandas das comunidades" (T6, p.25), em uma "proposta educativa pensada de modo a articular a perspectiva da Educação Ambiental Crítica à Educação Popular" (T6, p.25), "com base nas perspectivas da Decolonialidade, Interculturalidade e Ecologia de Saberes" (T6, p.25), demonstrando seu referencial teórico em Paulo Freire e em Boaventura de Sousa Santos, tal qual o T5.

Apesar de não ter declarado seu posicionamento como um trabalho de EA crítica, o T7 o faz, nas entrelinhas, ao expor sua dedicação em trabalhar “a Educação Ambiental junto à Educação Popular, com a valorização da cultura e da arte” (T7, p. 29). Segundo a autora,

> A educação ambiental que defendemos perpassa por tramas infinitas de aprendizagens coletivas, onde o engajamento militante das comunidades pelas quais passamos fortalece os princípios da educação popular, preconizando a arte como um aspecto propulsor da visibilidade destes territórios, na minimização dos prejuízos que atingem com maior rigor as comunidades em situação de vulnerabilidade socioambiental. Em busca das táticas de aprendizagens coletivas contra os efeitos nocivos do avanço do capitalismo, produzimos uma educação ambiental política e *não neutra*, buscando ações que possam amenizar as consequências das cercas que segregam mundos tão desiguais (T7, p.57).

Além disso, a autora afirma, ao longo do trabalho, que o mesmo trata-se de uma pesquisa que vincula a EA à EP, “junto à arte-educação-ambiental”, buscando “esboçar a arte na sensibilização quanto aos impactos ambientais” (T7, p.18) em uma comunidade quilombola no estado do Mato Grosso, “preconizando a arte como um aspecto propulsor da visibilidade destes territórios” (T7, p. 57).

Como referenciais teóricos, a autora do T7 usa, especialmente, Carvalho (2001), no que se trata de EA; Freire, em EP, utilizando quatros obras do autor em seus referenciais teóricos; Sato (2013a; 2013b) e Sato e Passos (2005, 2017), autores que abordam a ideia de *arte-educação-ambiental.*

Sobre a arte-educação-ambiental, segundo Sato e Passos (2017), a EA pode ser interpretada como “condição existencial inconclusa” que “coaduna com o pensamento de Paulo Freire quando ele afirmava que ‘o mundo não o é, ele está sendo’” (SATO; PASSOS, 2017, p. 45). Dessa forma, “por meio das trocas de experiências retomamos aspectos fundamentais para a cultura, modos de vida e visibilidade de hábitos ancestrais” (SATO *et al.,* 2005 *apud* T7, p. 21), propiciando intercâmbios entre saberes populares e científicos, expressos através da arte. De acordo com Sato (2020, p. 468), “a EA apresenta-se como uma espécie de sinopse entre cultura e natureza”, em uma “luta contra uma verdade hegemônica”. Além do T7, Sato faz parte do referencial teórico de outras pesquisas do *corpus* documental, como o T1 e o T4.

No T1, a autora orienta-se pelas definições de meio ambiente oriundas de Sato (2003), a qual interpreta “o ambiente como meio de vida, que pode ser caracterizado pela sua casa e seu entorno, a escola e seu espaço ou qualquer local para se habitar, morar e cuidar, revendo seus sistemas de vida e modelos de desenvolvimento” (SATO, 2003 *apud* T1, p. 41). Sendo assim, “uma das finalidades da Educação Ambiental no contexto do cuidado com o meio ambiente nas festas (do Divino Espírito Santo e de São Benedito, objetos de estudo da autora) é o de interpretar o sentimento de pertencimento dos sujeitos” (T1, p.42), compreendendo que a EA é “um conjunto de relações sociais que determinam a dinâmica do mundo” (SATO, 2003, p.12 *apud* T1, p. 52).

O T4, por sua vez, evoca a importância da arte e da mitopoética amazônica como estratégia educativa em EA tendo como referenciais trabalhos de Sato (2011) e Loureiro (2012), os quais “enaltecem as práticas lúdicas ministradas para crianças, pois oportunizam a transmissão de saberes” (T4, p. 85), pautando-se na ideia de “educação alegre” de Tiriba (2014), por meio de “janelas que se abrem para o mundo, valiosíssimas para fantasiar, produzir e apresentar novas realidades ambientais” (T4, p. 85).

Como discorrido nesse capítulo, alguns nomes mostraram-se recorrentes nas pesquisas relacionando EA e CP. A tabela a seguir expõe os trabalhos que apresentam os autores mais citados, em ordem decrescente de acordo com o número de pesquisas do *corpus* que os têm como referenciais.

Tabela 3: autores recorrentes nas pesquisas do *corpus* e os trabalhos que os referenciam, respectivamente

Autor(a)	Trabalhos que o/a referenciam
FREIRE, P.	T1, T2, T4, T5, T6, T7
LOUREIRO, C.F.B	T3, T4, T6, T7
SATO, M.	T1, T4, T7
SANTOS, B.S.	T3, T5, T6
CARVALHO, I.C.M	T1, T6, T7
LEFF, E.	T5, T6
REIGOTA, M.	T1, T2

Fonte: elaborado pela autora

Ainda que não tenha dedicado nenhuma obra sobre o campo da EA especificamente, Paulo Freire figura como o autor cujo nome mais se repete entre os sete trabalhos do *corpus* documental. De acordo com Loureiro *et al* (2009), esse é um cenário comum entre pesquisas de EA. Segundo os autores,

> Se olharmos hoje para a produção acadêmica sobre educação ambiental, assim como as práticas educativas ambientais que se dão nos mais variados espaços educativos, veremos que a pedagogia de Paulo Freire tem grande presença como referencial teórico e metodológico [...] o processo de conscientização como elemento central do processo educativo, que emerge do pensamento de Paulo Freire, é um processo radicalmente comprometido com a transformação da sociedade, compreendida como justa e desigual [...] nesse sentido, a educação libertadora é politicamente transformadora. (LOUREIRO *et al*, 2009, p.87)

Nesse sentido, tanto a EP defendida por Paulo Freire quanto a EA crítica têm como objetivos a transformação da sociedade pautando-se na construção de novos paradigmas entre seres humanos e destes com a natureza; objetivo esse que, para se concretizar, deve contar com engajamento e participação popular, bem como o diálogo entre diferentes saberes. Essa visão afiniza com proposições dos demais autores apontados na tabela 3, reconhecidos por pesquisas alinhadas à concepção crítica e transformadora da EA.

Na seção, veremos associações feitas entre CP e EA a partir das contribuições das manifestações culturais às práticas educativas nesse campo.

3.3 . Educação Ambiental e Cultura Popular: contribuições e caminhos possíveis a partir das manifestações culturais como ferramentas pedagógicas

Como visto ao longo desse capítulo, os trabalhos do *corpus* documental buscaram, por meio de referenciais como Paulo Freire, Boaventura de Sousa Santos e Michèle Sato, evidenciar as relações entre EA e CP, de forma a apresentar motivos pelos quais o diálogo com saberes populares é fundamental para a construção de uma EA de fato popular e transformadora.

Além disso, entre as pesquisas analisadas, constantemente nos deparamos com definições de meio ambiente que incluem o aspecto sociocultural das comunidades. Evidenciando a importância da brincadeira de coco e ciranda de roda nas representações culturais sobre meio ambiente, fauna, flora e questões socioambientais, a autora do T2 aponta que

> a questão ambiental vai se mostrando atrelada às instâncias culturais em que circulamos. Somos interpelados por representações culturais para as quais são produzidos significados, a partir da perspectiva e lugar em que estamos situados no mundo (T2, p. 28).

No T2, é possível conhecer diversas cantigas de coco e de ciranda, todas elas cantando e contando sobre o meio ambiente em que se inserem comunidades da Paraíba. Uma cantiga apresentada pelo Seu Jove, da comunidade de Forte Velho, por exemplo, fala sobre a toninha, um cetáceo da região ameaçado de extinção e raramente avistado vivo, e a tristeza de um pescador ao vê-la morta.

> No rio chegou um peixe / Não teve quem conheceu / Quem conheceu esse peixe / Foi um rapaz do Paquete / Quando chamaram Zé Pessoa / Para no peixe atirar / Soubesse que era a toninha / Eu não tinha vindo matar / E o peixe morto na praia / Estremeceu e gemeu / Meus olhos encheram d'água / Quando a toninha morreu (T2, p. 96).

A autora também traz o seguinte coco cantado pela Vó Mera, da comunidade Rangel, retratando disputas quanto à água doce da região:

> Meu barco veleiro / Nas águas tem lama / Quero quem me quer / Amo quem me ama / Água é vida / Não pode ser poluída / Se a água é vida / Não pode ser perdida / Se a água é vida / Não pode ser vendida / Água é sagrada / Não pode ser desperdiçada (T2, p. 111).

Outro exemplo trazido pela autora é o da importância das lendas e contos no contexto das representações culturais sobre o meio ambiente, como também abordam as pesquisas T3, T4, T5, T6 e T7. Em T2, somos apresentados à lenda da Comadre Fulozinha, entidade das matas similar à Caipora e ao Curupira, mas que é representada pela imagem de uma menina de cerca de doze anos que prega peças em quem desrespeita a floresta e os animais.

Já o T3 aborda a importância da alegoria da Festa do Boi de Parintins e das toadas (canções compostas anualmente por cada grupo de *Boi Bumbá* de acordo com os enredos escolhidos) no contexto da EA. Abordando a utilização das toadas como ferramentas pedagógicas na educação formal, o autor declara que o Boi

> [...] é um elemento vital para que a escola possa trabalhar as informações contidas nas toadas dos bumbás a fim de educar para a cidadania e sensibilizar as pessoas para a transformação das diversas formas de participação na defesa da qualidade de vida. Se é por meio da brincadeira e da música que a aprendizagem é assimilada de forma mais rápida e divertida, então a escola pode se valer dessa festa tão famosa que sua cidade promove e com isso, oportunizar um aprendizado diferente para suas crianças e jovens (T3, p. 20)

A origem exata das festividades em torno da lenda do Boi é desconhecida, mas sabe-se que o Boi Bumbá de Parintins é uma releitura do Bumba-Meu-Boi nordestino, forte tradição do estado do Maranhão que aparece, também, no sul do país como *Boi de Mamão*, manifestação cultural apresentada pelo T5 (p. 94).

O T4, por sua vez, apresenta outra importante lenda para a cultura do povo amazônico: a Matinta Perera. Por meio de encenações e jogos teatrais envolvendo professores e alunos da Educação Infantil, essa pesquisa aborda a relevância da mitopoética como estratégia de ensino-aprendizagem para EA. Para tal, a lenda escolhida foi a da Matinta Perera, uma mulher que se transforma em ave (*Tapera naevia*, popular em todo o território nacional) e assovia amaldiçoando aqueles que não realizam seus caprichos.

Na versão desenvolvida pela autora do T4, a Matinta Perera não é uma vilã, mas assume postura similar à da Comadre Fulozinha e de outras figuras do gênero, que visam proteger o meio ambiente. No contexto da pesquisa e levando em conta a realidade do bairro onde a escola participante se localizava, a Matinta Perera esteve ligada especificamente à questão do lixo nas ruas e terrenos baldios, sendo escolhida como elemento chave para aproximar educadores de educandos.

Além das cantigas populares, das toadas e das lendas, os trabalhos do *corpus* documental também abordaram ofícios tradicionais ligados à natureza e a sistemas de saúde populares, como os rezadores, mezinheiros e benzedeiras.

Sobre as benzedeiras e os rezadores, o T6 os aponta como um importante "elemento da identidade cultural das comunidades de Chapada do Norte associado a uma espiritualidade sertaneja" (T6, p. 166), pois "tanto a partir da transmissão dos conhecimentos das plantas e dos versos das orações de geração para geração, bem como a partir da ação junto à comunidade, que reafirma a permanência das tradições e crenças na sua comunidade [...] podem colaborar para a tomada de consciência de sua identidade cultural" (T6, p.167), empoderando essas comunidades frente às questões que enfrentam.

Após a análise dos trabalhos do *corpus* documental, é possível compreender as diversas contribuições que as manifestações culturais podem oferecer ao campo da EA, de forma a permitir que sejam estabelecidos diálogos entre diferentes comunidades e grupos sociais em prol da construção de metodologias participativas em EA, com o objetivo de pensar e criar novos cenários, pautados na justiça socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação da identidade nacional brasileira conta com diferentes influências, herdadas de povos de diferentes origens e culturas. Dessa forma, a Cultura Popular apresenta uma diversidade de manifestações populares, formadas por lendas, brincadeiras, ofícios tradicionais e festividades. Assim sendo, faz-se necessário preservar e valorizar a Cultura Popular a fim de proteger a memória de um povo, muitas vezes subjugado, frente a imposições sobre o que é aceitável, correto ou universal – ainda mais frequentes e bastante violentas, incentivadas por variados discursos proferidos no governo atual.

A Educação Ambiental Crítica posiciona-se a partir de uma postura contra hegemônica que busca a transformação do modelo de sociedade, responsável por um colapso social e ambiental cada vez maior. Essa compreensão de Educação Ambiental associa-se a movimentos sociais, à ideia de cidadã e de justiça social e, portando, à Cultura Popular, de forma com que é imprescindível que haja um diálogo entre diferentes saberes a fim de construir coletivamente novos modelos, pautados na harmonia entre seres e destes com o meio ambiente.

O presente trabalho corresponde a uma pesquisa qualitativa do tipo “Estado da Arte” e propôs-se a compreender como tem sido desenvolvida a pesquisa brasileira acadêmica em Educação Ambiental e Cultura Popular, baseando-se no banco de dados do Projeto EArte.

Foi observado que todas as sete dissertações encontradas e analisadas correspondem a trabalhos de programas de pós-graduação em Educação, sendo seis desses trabalhos estão vinculados a Universidades Federais, um cenário já exposto por outros pesquisadores que fizeram pesquisas do gênero. Observamos, contudo, pouca expressividade da região Sudeste, polo de publicações em diversos estudos do tipo, entre os trabalhos do *corpus* documental.

Quanto ao alinhamento das pesquisas, cinco delas deixaram explícito seu posicionamento enquanto trabalhos em Educação Ambiental crítica, e os dois trabalhos que não o fizeram apresentaram referencial teórico no tema. Observou-se, portanto, uma forte relação estabelecida entre a Educação Ambiental e a Cultura Popular por meio das obras de autores como Paulo Freire, expoente da Educação Popular; Boaventura de Sousa Santos, com a Ecologia de Saberes, e Enrique Leff,

que aborda a ideia de Saber Ambiental. Todos esses autores tratam acerca da importância do diálogo entre diferentes saberes para a construção de uma Educação de fato transformadora e emancipatória.

Além disso, os trabalhos analisados apresentaram diversos objetos de estudo, como lendas, festivais, ofícios tradicionais, cantigas, etc. Cinco trabalhos abordam o potencial das lendas como ferramenta pedagógica no contexto da Educação Ambiental, a fim de propiciar a construção de métodos e práticas que envolvam os educandos e que valorizem elementos da sua identidade cultural.

A partir da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo feita a partir das sete dissertações do *corpus* documental, conclui-se que a Cultura Popular e as manifestações culturais apresentam vasta importância e potencial para o desenvolvimento e amadurecimento de uma Educação Ambiental popular, transformadora e contra hegemônica. Sendo assim, esperamos que pesquisas nessa linha sejam cada vez mais publicadas e que os saberes populares adentrem ainda mais a academia e todos os espaços dos quais já foram privados.

Viva a cultura do povo brasileiro!

REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, v. 13, n.1, 2004.

AYALA, M. I. N; AYALA, M. *Cultura Popular no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, Série Princípios. 2002.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1977.

BOSI, A. Cultura Brasileira. *In*: *Cultura como Tradição.* Rio de Janeiro: Funarte, 1987. p. 31-58.

BRANDÃO. C.R. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BRANDÃO. C.R. *O que é educação popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. *Marco de Referencia da Educação Popular para as Políticas Públicas.* Brasília: Secretaria Geral, 2014.

CAMARGO, D.R. *Lendas, rezas e garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os saberes locais no Vale do Jequitinhonha*. 222f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2017.

CANDAU, V. M. F. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, [*s.l.*], v. 11, n.2, PP; 240-255, 2011.

CARVALHO, I. C. M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.* 4ª Ed. 2008.

CASCUDO, L. C. *Tradição, ciência do povo.* São Paulo: Global. 2013.

CHARTIER, R. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos históricos,* Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p.179-192, 1995.

CHAUÍ, M. Cultuar ou cultivar: cultura, socialismo e democracia. *Revista Teoria e Debate,* [*s.l.*], n.8, 1989.

COUTO, M. *E se Obama fosse africano?* Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DAMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil*? Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERREIRA, J. L. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e o regional.* 212p. Tese (Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade***.** 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. FREIRE. P. *Pedagogia da Autonomia:* saberes necessários à prática educativa. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação.* São Paulo: UNESP, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: UNESP, 2004

FREYRE, G. Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. *In*: *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.* São Paulo: Global, 2006.

GADOTTI, M. (org). *Paulo Freire: Uma Bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996

GARCIA, P.B; FARIA, H. Educação e Cultura Popular: um estado da arte de 1999 a 2006. Revista E-Curriculum, São Paulo, v.5, n.1, 2009.

LEFF, E*. Saber Ambiental*: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 34, n.3, 2009.

LEFF, E. *Aventuras da Epistemologia Ambiental:* da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo, Cortez, 2012.

LORENZETTI, L. *Estilos de pensamento em Educação Ambiental: uma análise a partir das dissertações e teses.* 2008. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008

LOUREIRO, C.F.B. *Sustentabilidade e educação*: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, v.39. 2012

LOUREIRO, C. F. B. GOMES, G. Educação Ambiental na Gestão Pública das Águas: a luta social pelo direito às águas. *Revista VeraCidade*, Salvador, ano VIII, n. 12, 2012.

LOUREIRO, C.F.B; LAYRARGUES, P.P. Ecologia Política, Justiça e Educação Ambiental Crítica: Perspectivas de Aliança contra hegemônica. *Trabalho, Educação e Saúde.* Rio de Janeiro, v, 11, n.1, p. 53-71, 2013.

MEGID-NETO, J. Educação ambiental como campo de conhecimento: a contribuição das pesquisas acadêmicas para sua consolidação no Brasil*. Pesquisa em Educação Ambiental*, [*s.l.*], v. 4, p. 95-110, 2009.

PELICIONI, A.F. Educação ambiental: limites e possibilidades de uma ação transformadora. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REIGOTA, M. Cidadania e educação ambiental. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v.20, p. 61-69, 2008.

SANTOS, B.S. Para além do Pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B.S; MENESES, M.P. *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, B.S. Um Ocidente não-ocidentalista? A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal. *In*: SANTOS, B.S; MENESES, M.P. *Epistemologias do Sul.* São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SILVA, J.V.C. *Sociedades de água do morro da Formiga: Subsídios para Educação Ambiental de Base comunitária e Ecologia de Saberes em uma favela carioca*. 110f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

TIRIBA, L. *Crianças, natureza e educação infantil.* Tese (doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.

TOSTES, A*. A apropriação da educação popular na educação ambiental: análise das perspectivas que constituíram políticas públicas no Brasil.* 155f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

Sophia Fernandes Peruchi

Sophia Fernandes Peruchi

Maria Bernadete Sarti da Silva Carvalho